



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**A CASA VERDE & A RUA: um estudo etnográfico sobre as dinâmicas sociais e
percepções dos usuários do Centro de Referência Especializado para a
População de Rua em Parnaíba-PI**

EMANUELE DE SOUSA CALDAS

**Parnaíba – PI
2025**

EMANUELE DE SOUSA CALDAS

**A CASA VERDE & A RUA: um estudo etnográfico sobre as dinâmicas sociais e
percepções dos usuários do Centro de Referência Especializado para a
População de Rua em Parnaíba-PI**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado junto à Universidade
Estadual do Piauí - UESPI, Campus
de Parnaíba, como requisito parcial
para a obtenção do título de
Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Clódson dos
Santos Silva.

**PARNAÍBA/PIAUÍ
2025**

C145c Caldas, Emanuele de Sousa.

A Casa Verde e a rua: um estudo etnográfico sobre as dinâmicas sociais e percepções dos usuários do Centro de Referência Especializado para a População de Rua em Parnaíba-PI / Emanuele de Sousa Caldas. - 2025.

34f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais, Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba - PI, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Clódson dos Santos Silva".

1. População de Rua. 2. Políticas Públicas. 3. Parnaíba (PI).
4. Vulnerabilidade social. 5. Centro Pop. I. Silva, Clódson dos Santos . II. Título.

CDD 301

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
ANA ANGELICA PEREIRA TEIXEIRA (Bibliotecário) CRB-3^a/1217

EMANUELE DE SOUSA CALDAS

A CASA VERDE & A RUA: um estudo etnográfico sobre as dinâmicas sociais e percepções dos usuários do Centro de Referência Especializado para a População de Rua em Parnaíba-PI

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado junto à Universidade
Estadual do Piauí - UESPI, Campus
de Parnaíba, como requisito parcial
para a obtenção do título de
Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Clódson dos
Santos Silva

Data de aprovação ____ / ____ / ____

Nota ____

Banca Examinadora

**Prof. Dr. Clódson dos Santos Silva
Universidade Estadual do Piauí
Presidente da Banca**

**Prof. Dr. Jonas Henrique de Oliveira
Universidade Estadual do Piauí
1ºExaminador**

**Prof. Dra. Karina Maria de Abreu Cursino
Universidade Estadual do Piauí
2ºExaminadora**

A CASA VERDE & A RUA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE AS DINÂMICAS SOCIAIS E PERCEPÇÕES DOS USUÁRIOS DO CENTRO DE REFERÊNCIA ESPECIALIZADO PARA A POPULAÇÃO DE RUA EM PARNAÍBA-PI

RESUMO

O presente trabalho analisa a população em situação de rua no município de Parnaíba-PI, com ênfase no papel desempenhado pelo Centro de Referência Especializado para a População de Rua (Centro Pop). O objetivo central consiste em compreender as vivências e percepções dos sujeitos atendidos, a partir de uma abordagem qualitativa e etnográfica fundamentada em entrevistas semiestruturadas e observação participante. Os dados revelam que conflitos familiares e o uso de substâncias psicoativas foram fatores determinantes para o ingresso dessas pessoas na situação de rua. Observa-se uma relação complexa entre violência doméstica, dependência química, desestruturação familiar e o processo de vulnerabilização que culmina na condição de rua. Os resultados evidenciam limitações estruturais do equipamento, ausência de equipe multidisciplinar e a predominância de práticas assistencialistas, fatores que comprometem a efetividade do atendimento e a garantia de direitos sociais. Conclui-se que há necessidade de reestruturação do serviço e de implementação de uma política pública mais integrada capaz de promover a inclusão social e o respeito à dignidade das pessoas em situação de rua.

Palavras-chave: População de rua; Políticas públicas; Parnaíba; Vulnerabilidade social; Centro Pop.

AN ETHNOGRAPHIC STUDY OF THE SOCIAL DYNAMICS AND PERCEPTIONS OF USERS OF THE SPECIALISED REFERENCE CENTRE FOR THE STREET POPULATION IN PARNAÍBA-PI

ABSTRACT

This paper analyses the homeless population in the municipality of Parnaíba-PI, with an emphasis on the role played by the Specialised Reference Centre for the Homeless (Centro Pop). The central objective is to understand the experiences and perceptions of the people served, using a qualitative and ethnographic approach based on semi-structured interviews and participant observation. The data reveals that family conflicts and the use of psychoactive substances were determining factors in these people's entry into homelessness. There is a complex relationship between domestic violence, drug addiction, family breakdown and the process of vulnerability that culminates in homelessness. The results show the structural limitations of the centre, the lack of a multidisciplinary team and the predominance of welfare practices, factors that compromise the effectiveness of the service and the guarantee of social rights. The conclusion is that there is a need to restructure the service and implement a more integrated public policy capable of promoting social inclusion and respect for the dignity of homeless people.

Keywords: Street population; Public policies; Parnaíba; Social vulnerability; Street population care centre

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – Centro Pop	15
Fotografia 2 – Visão ampla do refeitório.....	20
Fotografia 3 – Banheiro dos frequentadores	21
Fotografia 4 – Banheiro dos funcionários	21

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. PERCURSO METODOLÓGICO.....	12
2.1. Desafios metodológicos da pesquisa entográfica no Centro Pop.....	14
3. ORIGEM DO CENTRO POP.....	18
4. A RUA: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA RUA	22
4.1 Sobrevivendo no sistema de rua.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

1. INTRODUÇÃO

A população em situação de rua configura-se como um dos mais complexos e persistentes desafios sociais da contemporaneidade, atravessando questões que vão da violência urbana à precariedade das políticas públicas. Em um cenário marcado pela intensificação das desigualdades e pela fragmentação do tecido social, essa população ocupa um lugar de invisibilidade e estigmatização, sendo frequentemente associada a imagens de periculosidade, desajuste e marginalidade. As transformações sociais das últimas décadas, aliadas à lógica excludente das cidades, produziram novas formas de segregação espacial e discriminação social, refletidas na forma como essa população é percebida e tratada.

Segundo o IPEA, em 2023 foi registrado o número de 227 mil pessoas que vivem em situação de rua no Brasil, o dado registrado é 11 vezes maior do que há 10 anos. No cenário regional, o aumento foi de 370%¹, o que representa que existem em média 1.120 pessoas sobrevivendo nas ruas de 28 municípios piauienses, entre eles: Teresina, Parnaíba, Floriano, Pedro II, Piripiri, Picos e Campo Maior. Nesse contexto percebe-se que no Brasil, a realidade da população em situação de rua é marcada por dados alarmantes e pelo descompasso entre as necessidades dessa população e a capacidade de resposta do Estado.

Em Parnaíba-PI, por exemplo, observa-se um crescimento visível desse contingente, especialmente em áreas centrais como a Praça da Graça. No âmbito institucional, o Centro de Referência Especializado para a População de Rua (Centro Pop) constitui o principal equipamento voltado ao atendimento dessa população, integrando a rede de assistência social do SUAS². Contudo, ainda são escassos os estudos locais que investigam de forma aprofundada as experiências, percepções e demandas dos sujeitos atendidos por esses serviços, o que reforça a relevância da presente pesquisa.

¹ NÚMERO de moradores de ruas no Piauí cresce 370% em quase uma década. Conecta Piauí, Piauí, 2 jul. 2024. Em pauta, p. 1. Disponível em: <https://conectapiaui.com.br/blog/em-pauta/numero-de-moradores-de-ruas-no-piaui-cresce-370-em-quase-uma-decada-7384.html>. Acesso em: 5 jun. 2025.

² O SUAS integra as políticas públicas e de assistência social no Brasil. Foi criado em 2005 para organizar e coordenar os serviços, programas, projetos e benefícios oferecidos pelo Governo Federal. Essa parceria veio para trazer proteção social aos cidadãos brasileiros, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade.

Com uma população estimada em 162.159 habitantes pelo IBGE em 2022, em Parnaíba esse público é atendido pelo Centro de Referência Especializado para a População de Rua (Centro Pop). Há um fluxo constante de pessoas de outras localidades que permanecem por curtos períodos e são atendidos por esta política pública. A existência de um cadastro para utilizar dos serviços do programa representa uma tentativa de manter algum controle sobre um número de usuários que frequentemente varia pois nem todas as pessoas cadastradas são naturais da cidade, algumas são andarilhas, e chegam até o Centro Pop em razão das refeições distribuídas gratuitamente.

Na qualidade de estudante de ciências sociais, passei a realizar observações mais sistemáticas acerca da presença de indivíduos em situação de rua em áreas centrais de Parnaíba. A Praça da Graça configura-se como um dos espaços públicos onde, de forma recorrente, são identificados moradores de rua pernoitando nos bancos, sob as marquises dos prédios e nas calçadas adjacentes, tanto em períodos diurnos quanto noturnos. No âmbito da população em geral, verifica-se um mal-estar significativo diante da presença desses sujeitos no espaço urbano. Conforme argumenta Aiex:

Para administradores públicos, elas sempre foram vistas e tratadas como um problema. Para diversos comerciantes e moradores de bairros frequentados por elas, são um incômodo. Para grande parte das pessoas que circulam pelas ruas e calçadas, elas simplesmente não existem: são invisíveis. Para muitos (que não se deram ao trabalho de tentar compreender o que representam), seria melhor se não existissem. [...]. Mas as pessoas em situação de rua existem, e para existir insistem em ocupar o lugar que lhes restou: as ruas e espaços dos grandes e médios centros urbanos (Aiex *apud* Filgueiras, 2019, p. 978).

Tal desconforto social está intrinsecamente relacionado a processos de estigmatização e construção de representações sociais negativas, que contribuem para a exclusão e marginalização desses indivíduos, reforçando dinâmicas de segregação social nos centros urbanos. Este cenário me instigou inicialmente a tentar compreender os fatores que levam um indivíduo a “morar na rua”. Embora a rua constitua-se em um espaço público em que todas as pessoas possuam o direito de transitar, pessoas em situação de rua frequentemente “são consideradas pelos demais moradores como indesejáveis, fora do lugar, poluidores do espaço urbano com seus corpos e pertences, desencaixados espacial e simbolicamente” (Frangella *apud* Filgueiras, 2019, p. 978-979).

Carvalho explica tal fenômeno de negação dos espaços públicos a população de rua ao mencionar a lógica invertida do consenso dos plenos direitos de cidadania no Brasil:

Tornou-se costume desdobrar a cidadania em direitos civis, políticos e sociais. O cidadão pleno seria aquele que fosse titular dos três direitos. Cidadãos incompletos seriam os que possuíssem apenas alguns dos direitos. Os que não se beneficiassem de nenhum dos direitos seriam não-cidadãos. (Carvalho, 2013. p. 9)

Essa reflexão evidencia como a população em situação de rua é colocada à margem da cidadania plena, sendo tratada muitas vezes como “não-cidadã”, sem acesso efetivo a direitos civis, sociais e políticos. Essa lógica de exclusão reforça a urgência de estudos que deem voz a esses sujeitos e revelem suas experiências cotidianas. É com base nessa compreensão crítica que se delineiam os objetivos deste trabalho, voltados a investigar, por meio de uma abordagem etnográfica, as dinâmicas sociais e os sentidos atribuídos pelos próprios usuários do Centro Pop à sua condição e ao serviço público que os atende.

Logo, o presente estudo etnográfico tem como objetivo geral compreender as dinâmicas sociais e as percepções dos usuários do Centro de Referência Especializado para a População de Rua (Centro Pop) no município de Parnaíba-PI. Como objetivos específicos, busca-se: (1) analisar as vivências dos sujeitos, a partir de uma abordagem qualitativa e etnográfica; (2) entender as motivações pessoais que os conduziram à condição de rua; (3) compreender as representações sociais que esses indivíduos têm de si mesmos; (4) investigar suas percepções sobre o funcionamento e as limitações do Centro Pop; e (5) contribuir para o desenvolvimento de propostas mais eficazes de atendimento e inclusão social.

A escolha deste objeto de pesquisa fundamenta-se em uma sensibilidade crítica que emergiu diante da realidade observada, indicando que os estímulos característicos da vida urbana não foram suficientes para induzir uma postura de indiferença frente à parcela da população em situação de vulnerabilidade que ocupa os espaços públicos. Tal indiferença, frequentemente observada nos grandes centros urbanos é caracterizada por aquilo que Simmel (2005) define como o caráter blasé:

A incapacidade, que assim se origina, de reagir aos novos estímulos com uma energia que lhes seja adequada é precisamente aquele caráter blasé, que na verdade se vê em todo filho da cidade grande, em comparação com as crianças de meios mais tranquilos e com menos variações (Simmel, 2005, p. 581).

Assim, a frequente presença da população de rua em áreas centrais da cidade de Parnaíba reproduz na população em geral os efeitos característicos do caráter blasé, fazendo com que se naturalize a existência de pessoas que utilizem a rua como espaço de moradia. Contudo, assumir como parte do cotidiano que pessoas permaneçam nessa status de vulnerabilidade social é contribuir para a manutenção desse problema público.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza etnográfica, visando captar as experiências vividas e as representações simbólicas atribuídas pelos sujeitos ao seu cotidiano. Foram utilizados como instrumentos metodológicos a observação participante e entrevistas semiestruturadas com usuários e funcionários do Centro Pop. O estudo foi realizado nas instalações do Centro Pop de Parnaíba, local onde se desenvolve parte significativa da experiência cotidiana da população em situação de rua. Todos os procedimentos adotados respeitam os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos, incluindo o consentimento livre e esclarecido e a garantia do anonimato dos participantes.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos, além desta introdução e das considerações finais. A primeira seção de desenvolvimento apresenta os fundamentos metodológicos da pesquisa. Por sua vez, a segunda seção discute a origem e o funcionamento do Centro Pop e a terceira aborda as representações sociais da rua construídas pelos sujeitos pesquisados. A última seção de desenvolvimento analisa as formas de sobrevivência no sistema de rua. Por fim, as considerações finais reúnem os principais achados do estudo propondo caminhos para o aprimoramento das políticas públicas voltadas a essa população.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Como pesquisa do campo das ciências sociais, esta investigação tomou por base que as ciências sociais são, acima de tudo, uma ciência interpretativa. Desta forma, a metodologia utilizada neste trabalho é qualitativa. Conforme Minayo (1994):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 1994, p.21-22).

Para desenvolver uma compreensão aprofundada sobre o universo estudado, realizei neste trabalho uma pesquisa de campo etnográfica (Hagquette, 1992) no Centro Pop de Parnaíba, buscando compreender melhor como e quais são as ações que são realizadas pelo órgão público em questão e como os moradores de rua interpretam essa ação do Estado.

Tendo em mente que pretendia entender como a população de rua é ou não amparada pelo poder público municipal, levando em consideração a marca assistencialista presente nas gestões que Francisco de Assis de Moraes Souza “Mão Santa” (1º de janeiro de 2017 a 31 de dezembro de 2024) esteve à frente do poder executivo local. Busquei direcionar a pesquisa em especial para analisar os discursos encontrados entre os usuários do Centro Pop, o órgão que é responsável pelo atendimento à pessoas em situação de rua e extrema vulnerabilidade social.

Há pelo menos dois elementos essenciais a serem analisados neste trabalho: o Centro de Referência Especializado para a População de Rua, e a Rua, propriamente dita. Nesta primeira categoria, minha análise se restringe ao funcionamento do Centro Pop, e as condições em que ele atualmente funciona no município. Já nesta segunda categoria, busquei entender as motivações pessoais das pessoas que estão na condição de rua, as representações sociais que elas têm de si mesmas e suas percepções sobre o funcionamento do Centro Pop.

Para alcançar esses objetivos, utilizei o trabalho de campo visitando sistematicamente o espaço entre dezembro de 2024 e abril de 2025 e lançando mão de um diário de campo e da observação participante, além da realização de

entrevistas semiestruturadas com os frequentadores do Centro Pop. Com isso, percebi que alguns elementos comuns em todos os discursos, como a violência policial, os estigmas de ser um morador de rua e a percepção de uma política pública ineficiente em cumprir completamente o seu objetivo. As categorias sociológicas utilizadas neste trabalho são tomadas como referência a partir de DaMatta (1997), o autor diz:

Quando digo que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmado que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (DaMatta, 1997, p.15).

Nesse sentido, o Centro Pop (Casa Verde, Sobrado da dona Auta) e a Rua não são apenas espaços geográficos, mas constituem entidades de ação social dos sujeitos alvo desta pesquisa. Que estimulam certos tipos de comportamentos, e por essa razão se torna interessante compreender suas motivações. DaMatta (1997) quando estabelece uma relação entre Casa e Rua, faz uma diferenciação entre essas duas categorias, onde a casa é compreendida enquanto no um espaço pessoal, o espaço do nosso relacionamento familiar, e a rua como espaço em que se prevalece a impessoalidade da lei. Entretanto, o autor aborda como o universo relacional existente entre essas duas categorias se diferencia na sociedade brasileira a depender dos contextos sociais, em que os brasileiros tendem a reproduzir comportamentos da casa para a rua, com o objetivo de produzir uma pessoalidade em contextos que deveriam prevalecer a impessoalidade.

O Centro Pop (Casa Verde, Sobrado da dona Auta) se propõe a ser a “casa” dessas pessoas que estão constantemente nas ruas. Embora com várias limitações estruturais no Centro Pop, entre outras coisas são oferecidos às pessoas em situação de rua um espaço para três refeições, instalações sanitárias para higiene pessoal, armários para guardar temporariamente seus pertences. Além disso, dentro do espaço do Centro Pop, uma vez cadastradas, as pessoas em situação de rua serão tratadas pelo primeiro nome.

2.1. Desafios metodológicos da pesquisa etnográfica no Centro Pop

Para esclarecer quais foram os desafios metodológicos desta pesquisa farei uma breve descrição do caminho percorrido metodologicamente para que eu chegasse até o meu campo. Uma das primeiras pessoas com quem mencionei que tinha interesse em fazer um trabalho com moradores de rua, me sugeriu ir à “Casa Verde”, daí o título do artigo. Desse momento, até o momento em que de fato cheguei ao Centro Pop, teve um intervalo de 2 meses. Tempo necessário de conseguir junto à prefeitura uma autorização da Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania (SEDESC) para realizar a pesquisa na Instituição Municipal. Conversei com a secretária da PSE³, ela me orientou a obter mais informações sobre o que é um Centro Pop e das funções como uma política pública. Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, o projeto de pesquisa teve que ser submetido e aprovado pela Plataforma Brasil e pelo Comitê de Ética através do Número do Parecer: 7.427.253. E só depois destas etapas pude ir a campo e iniciar de fato minha pesquisa.

Inicialmente, estabeleci contato com a coordenadora do Centro Pop, que se demonstrou bastante receptiva e colaborativa, facilitando o acesso à instituição. Durante a interlocução, ela compartilhou aspectos de sua trajetória pessoal e profissional, incluindo experiências anteriores em outras organizações voltadas ao atendimento de populações em situação de vulnerabilidade. Além disso, detalhou as condições operacionais do Centro Pop, informando sobre os dias e horários em que seria possível realizar visitas. Esclareceu que o horário de funcionamento do Centro compreende o período matutino, das 8h às 11h, e o período vespertino, das 15h às 17h período em que as atividades só ocorrem se a segurança é garantida pela presença da Guarda Municipal. Devido a episódios anteriores de conflitos internos entre os frequentadores demandou-se a intervenção da força pública para a contenção de possíveis situações problemáticas.

³ A Proteção Social Especial é uma das três esferas do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), juntamente com a Proteção Social Básica e a Gestão do SUAS.

Fotografia 1 – Centro Pop



Fonte: Acervo da autora (2025)

Durante o período que durou a pesquisa de campo, estive presente no local no turno matutino, das 8h30 às 11h. Inicialmente, permanecia sentada em uma cadeira posicionada estrategicamente, que proporciona uma visão ampla das mesas onde os frequentadores realizavam suas refeições. Nessa posição, realizava observações sistemáticas e registros em meu diário de campo. Notei certa resistência e desconforto por parte dos usuários: enquanto alguns cumprimentavam com um “bom dia” ao passar, outros evitavam o contato visual e mantinham-se silenciosos. Em algumas ocasiões, durante o desenvolvimento da pesquisa, alguns frequentadores questionaram se eu era assistente social, evidenciando que não estavam habituados à minha presença naquele ambiente.

Depois de algumas semanas em que instituí que iria fazer as entrevistas tive receio em como abordar os usuários do Centro Pop, como me apresentar. Em uma das vezes em que eu fui à tarde, vi a coordenadora conversando com alunas da área da saúde da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR), estavam se

articulando para aplicar um projeto com os frequentadores. Nesse momento foi interessante perceber como aquele espaço também era um espaço para atividades extensionistas de universidades, foi uma oportunidade para trocar experiências e contribuições mútuas.

Conversei com as alunas que estavam desenvolvendo o projeto junto com a coordenadora. Expliquei que estava fazendo uma pesquisa e pedi algumas dicas, elas me ajudaram bastante a enfrentar o medo inicial de não saber como me apresentar e convidá-los para participar da minha pesquisa, falando que poderia chegar neles que não seria algo tão difícil porque eles sempre estavam abertos, segundo elas, pois já haviam feito entrevistas com eles em um outro momento. Por elas fui orientada que o melhor momento para os abordar seria no horário em que eles passavam pelo corredor antes ou depois das refeições, em razão dos frequentadores não passarem nenhum tempo a mais do que o necessário para se alimentarem ou ir ao banheiro.

Ainda assim, encontrar interlocutores dispostos para as entrevistas não foi uma tarefa tão fácil. Foram duas semanas tentando convencê-los. Alguns prontamente recusavam dizendo estar atarefados que outra hora apareciam. Ao todo foram 8 entrevistados, sendo entre eles 4 frequentadores e 4 funcionários. Entre os funcionários as dificuldades foram mínimas, se restringindo a um, ou dois que taxativamente não se interessaram em participar.

Com os frequentadores, pude observar que a maioria tinha receio das perguntas, e se mostravam pouco dispostos a conceder entrevista, o uso de gravador de voz também causava estranheza. Tal estranheza se deu, não necessariamente pelo uso do TCLE, mas pela necessidade do uso do gravador de voz, os entrevistados mostravam receio de terem sua identidade revelada por meio de foto, vídeo ou gravação de voz. Chegando a acontecer de aceitarem inicialmente, mas recuarem ao saberem que teriam que lançar mão do gravador de voz.

Mesmo enfrentando dificuldade com as entrevistas, era sempre possível conversar informalmente, nessas conversas informais tive acesso a informações que reforçam os discursos presentes nas entrevistas, especialmente sobre como eles avaliavam os serviços prestados pelo Centro Pop. O primeiro interlocutor entre os frequentadores teve um papel crucial na concessão de entrevista com os outros, pois ele foi encorajando que outros contribuíssem com minha pesquisa. Alguns sempre

perguntavam se minha pesquisa ajudaria a melhorar os serviços ofertados pela instituição ou se era apenas por curiosidade.

Todas as entrevistas foram realizadas nas mesas do refeitório, onde eles faziam suas refeições. Aproveitando o momento e local oportuno para chamá-los, exatamente quando passavam pelo corredor para buscarem seu almoço – o “bandejão”. Entretanto, se por um lado no horário do almoço o Centro Pop sempre estava cheio, e em tese teria mais chance de captar o maior número de entrevistados. Por outro, o local para fazer as entrevistas não era o mais adequado, principalmente se ocorriam enquanto eles estavam comendo, pois o barulho e agitação atrapalhavam, era comum que se distraíssem em suas sociabilidades.

3. ORIGEM DO CENTRO POP

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS⁴), como parte do esforço de consolidação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), em 11 de novembro de 2009, foi aprovada pelo Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) a Resolução n.º 109/2009, que trata da Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Esta, ao tratar dos serviços da proteção social especial de média complexidade, tipificou o Serviço Especializado para pessoas em Situação de Rua, prevendo como *lócus* de sua oferta o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua, unidade prevista no art. 7º do Decreto n.º 7.053 de 23 de dezembro de 2009.

Conforme estabelecido pela Lei n.º 13.460/17, os usuários deste serviço público possuem o direito a atendimento presencial, em instalações salubres, seguras e acessíveis. Em Parnaíba, cidade localizada no litoral do Estado do Piauí, esses serviços são parcialmente ofertados no Sobrado de Dona Auta, um edifício tombado pelo Iphan, localizado na Rua Duque de Caxias, nº 614 – no centro histórico da cidade.

O Sobrado de Dona Auta⁵ é um edifício colonial de dois pavimentos, possuindo mirante, figurando entre os cinco sobrados construídos na então Vila de São João da Parnaíba, na segunda metade do Século XVIII. Ele está localizado na atual Rua Duque de Caxias, esquina da Rua São Vicente de Paulo, no Centro Urbano, distando um quarteirão da Praça da Graça, antigo Largo da Matriz, no Centro Histórico de Parnaíba.

Ao longo da existência do Sobrado, o pavimento térreo foi ocupado por vários estabelecimentos comerciais, o primeiro andar foi, no início, residência de Dona Auta Castelo Branco, primeira esposa de Francisco José do Rego Castelo Branco. A parte superior é constituída por amplas salas assoalhadas com tábuas corridas e largas, e as quatro primeiras salas são forradas. Serviu como residência; foi sede da Capitania dos Portos, e a seguir do Banco do Brasil S.A., primeiro estabelecimento bancário da

⁴ Órgão do governo federal responsável por realizar a articulação entre gestores federais, estaduais, municipais e a sociedade civil para manter um sistema de proteção social no país e promover políticas de assistência social, inclusão produtiva e segurança alimentar e nutricional.

⁵ Auta Rosa Cesária Castello Branco (Dona Auta) pressupõem-se que foi a primeira esposa do Capitão Francisco Rego José Castelo Branco, uma fazendeira na região de Parnaíba, dona do sobrado localizado na Rua Duque de Caxias com a Rua São Vicente de Paula.

cidade e a 23^a agência do BB no País. A Associação Comercial de Parnaíba sediou-se nesse edifício em 1927, e de 1938 a 1967, foi sede do Grupo Escolar Miranda Osório, durante três décadas (SECRETARIA DO ESTADO DO PIAUÍ, 2018).

Atualmente, o térreo do prédio funciona com o Centro de Referência Especializado para População de Rua Centro Pop e no piso superior funciona o Instituto Histórico Geográfico de Parnaíba. Na maior parte do tempo, as pessoas lá cadastradas só estão lá para fazer refeições; não há uma infraestrutura adequada, nem uma equipe completa de profissionais que possibilite um melhor funcionamento do Centro Pop em concordância com o que dita a Lei. Com a Política Nacional para a População em Situação de Rua – PNPR, instituída pelo Decreto n.º 7.053, de 23 de dezembro de 2009, as pessoas em situação de rua passaram a ter maior atenção das instâncias governamentais, assim como foram normatizadas as condições de ingresso da pessoa em situação de rua no que tange ao acesso às políticas públicas.

Em Parnaíba, o Centro Pop nem sempre esteve localizado na região central da cidade. Anteriormente, funcionava na Avenida São Sebastião, uma das vias mais movimentadas e mais valorizadas economicamente do município, tendo sido transferido para as proximidades da Praça da Graça com o objetivo de se aproximar de seu público-alvo. No entanto, nas conjunturas atuais, para que esse objetivo fosse plenamente alcançado, seria necessária a existência de dois Centros Pop na cidade, uma vez que não é correto presumir que toda a população em situação de rua do município se concentre apenas na Praça da Graça ou, mesmo, no bairro Centro.

O Centro Pop de Parnaíba atualmente possui uma estrutura física inapropriada, é um espaço pequeno e mal ventilado, comprometendo o bem-estar e atendimento adequado a seu público. As atividades desenvolvidas, como oficinas de artesanato, palestras e rodas de conversa, embora importantes, são esporádicas e realizadas sem um planejamento contínuo, apenas quando ocorrem projetos em parceria com as Universidades. Durante a pesquisa estava sendo articulado um projeto com estudantes da área da saúde da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR), mas não pude observar como e quais atividades seriam desenvolvidas, pois o projeto estava em fase de planejamento.

Fotografia 2 – Visão ampla do refeitório



Fonte: Acervo da autora (2025)

O espaço físico do Centro Pop apresenta infraestrutura simples e com sinais de precariedade: destaca-se um ambiente de recepção com controle de acesso, refeitório com mobiliário básico, armários em mau estado de conservação, além de salas pequenas para coordenação e atendimento psicossocial, ambas sem climatização e com problemas de infiltração

Há uma comparação feita pelos frequentadores entre os banheiros destinados aos funcionários e aos usuários do Centro Pop revelando uma diferença nas condições estruturais e de higiene. Enquanto o dos servidores se mantém limpo, equipado e minimamente preservado, o dos usuários mostra sinais evidentes de abandono, com instalações precárias, falta de manutenção e ausência de itens básicos.

É importante reconhecer que a precariedade estrutural dos banheiros destinados aos frequentadores do Centro Pop resulta de um conjunto de fatores. Além da ausência de manutenção regular e da falta de itens básicos de higiene, o uso inadequado ou indevido por parte de alguns usuários também contribui para a rápida

degradação desses espaços. Episódios de depredação e mau uso das instalações sanitárias potencializam o desgaste e dificultam a preservação do ambiente, agravando ainda mais a diferença de condições em relação aos banheiros destinados aos funcionários.

Fotografia 4 – Banheiro dos funcionários



Fotografia 3 – Banheiro dos frequentadores



Fonte: Acervo da autora (2025)

4. A RUA: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA RUA

Historicamente, a população de rua sempre existiu, mas ao longo da história essa população variou com relação ao contexto social, econômico e político vigente. Não se refere, portanto, a uma categoria urbana, mas característica de sociedades ocidentais. Ainda que esta constitua-se em objeto de pesquisa recorrente no meio acadêmico, é relevante pontuar que até os dias atuais parte significativa dessa população não é recenseada nacionalmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Censo, 2022), o que dificulta no reconhecimento desse grupo como alvo de políticas públicas de nível nacional, além de seguir invisibilizada pelo poder público, permanece estigmatizada pela sociedade. Segundo o Decreto n.º 7.053/2009, que regulamenta a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPSR), define-se essa população como:

O grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (Brasil, 2009, p.16).

A fim de preservar a identidade dos entrevistados e ao mesmo tempo construir um recurso simbólico que dialogasse com a realidade nordestina, optou-se por pseudônimos inspirados em aves comuns no Piauí. As aves representam, neste contexto, tanto a liberdade quanto a luta pela sobrevivência em ambientes adversos. Os quatro moradores de rua entrevistados foram, assim, identificados como: Juriti (23 anos), Pardal (36 anos), Curió (45 anos), e Carcará (53 anos).

O fato relevante a ser levantado é que entre os frequentadores todos os entrevistados se autodeclararam negros, pretos ou pardos, o que corrobora dados estatísticos que evidenciam a predominância de indivíduos racializados em contextos de vulnerabilidade social e econômica extrema. Essa realidade deve ser compreendida a partir da perspectiva do racismo estrutural, entendido como um sistema histórico e institucionalizado que produz e reproduz desigualdades raciais. Tal sistema marginaliza grupos racializados, restringindo seu acesso pleno a direitos fundamentais, como educação, trabalho, moradia e saúde.

O racismo estrutural, ao naturalizar a desigualdade racial, perpetua condições desiguais de vida e posiciona a população negra e parda em situações periféricas dentro da estrutura social. Dessa forma, a concentração desses grupos em contextos de vulnerabilidade social reflete não apenas determinantes econômicos imediatos, mas também as consequências de um processo histórico de discriminação racial institucionalizada, que limita oportunidades e reforça ciclos de exclusão e pobreza. Segundo o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, 69,7% das pessoas em situação de rua se autodeclararam negras (pretas e pardas) (Censo, 2022).

A condição de existência que é dada para as pessoas que estão em situação de rua é a de que mesmo lhe sendo oferecidos serviços de políticas públicas em condições insalubres têm que agradecer. Na pesquisa de campo pude observar o quanto comum era ver as pessoas chegarem até a sala do atendimento psicossocial para solicitar os mais diferentes pedidos: por alimentação, por documentos em razão da necessidade para adquirir seus benefícios, para pedidos de transferência para serviço público de casas de acolhimento, que não existem no município. As casas de acolhimento que estão em exercício em Parnaíba são ligadas a ONGs.

Há uma demanda entre os frequentadores por uma casa de acolhimento, pois estes sofrem para lidar com vícios em substâncias psicoativas. A sala de atendimento psicossocial era reservada para a triagem dos usuários do Pop, o psicólogo exerce majoritariamente a função de assistente social. O desvio de sua função compromete a realização de atendimentos psicológicos individualizados ou a realização de outras atividades com propósito de acompanhamento psicológico.

Foi feita a escolha metodológica pela utilização dos termos “moradores de rua” e “situação de rua” para significar duas diferentes situações. Quando utilizo “moradores de rua” falo sobre o fato de que estes moram de fato na rua e que esta não é uma situação, mas uma realidade. E quando utilizo “situação de rua” falo, a partir do discurso de alguns indivíduos que apesar de morarem na rua entendem a situação de rua como um momento, não como um destino final. Sobre a dificuldade de denominar essa população vulnerável, leciona Bernardino:

Percebemos, então, que as problemáticas que envolvem a noção conceitual dessa população estão diretamente ligadas à identidade dos sujeitos, quem são e o que desejam, juntamente à visão política e social que recai sobre eles, fazendo com que este seja um campo em constante disputa, um campo de tensão no poder. (Bernardino, 2023, p. 151)

Do ponto de vista dos entrevistados não há um perigo iminente na rua, embora comumente pude ouvir histórias de indivíduos que foram mortos, atropelados, e até mesmo roubados inclusive por outros que estavam na mesma situação. Um elemento comum no discurso de Curió e Juriti que de alguma forma buscavam se afastar dos estigmas de “moradores de rua” estes percebiam olhares e atitudes de julgamento por parte de outros que se denominavam moradores de rua. Ao trabalhar em seus estudos grupos estigmatizados Becker argumenta que:

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um outsider (Becker, 2008, p.15).

Apesar de comporem elementos corriqueiros na paisagem urbana, aos moradores em situação de rua são reservados estigmas (Goffman, 2021) de indivíduos desajustados, suspeitos, perigosos. Contudo, nos depoimentos desses sujeitos observei que muitos dos medos presentes na população que os julga também está presente no seu cotidiano. Moradores de rua são mais propícios a roubos, acidentes e mortes. Em todas as entrevistas busquei verificar quais as maiores dificuldades que eles enfrentavam diariamente, pressupondo que a violência seria um elemento recorrente. Em relação ao tratamento dado pelos guardas municipais que atuam no Centro Pop, Curió faz a seguinte observação:

Não respeita, só porque tá na situação de rua. Nem todo mundo é bandido. Eu mesmo, eu faço o meu trabalho. Sou um vendedorzinho de paçoca, pé de moleque, mas pelo menos eu não pego nada de ninguém. Não sou bandido, sou trabalhador (Curió, 45).

Carcará denuncia que há uma repreensão policial desproporcional por parte dos guardas municipais por exercerem uma função de poder sobre as pessoas em situação de rua. Para o entrevistado, os guardas municipais os intimidam, silenciam e os agredem em nome da ordem.

Nós somos tratados como cachorros, a gente fica esperando lá fora pra comer. Tem que ficar lá no meio do sol quente porque aqui dentro não pode ficar, naquele pedaço ali [...] E se reclamar, se falar alguma coisa o cara apanha pra caralho. Eu já peguei umas mãozadas aqui porque fui reclamar (Carcará, 53).

Nessa fala Carcará evidencia que, no cotidiano, muitos usuários do Centro Pop percebem abordagens marcadas pelo preconceito e pela desconfiança por parte dos agentes municipais. Essas experiências reforçam a sensação de estigmatização e exclusão, mesmo em espaços criados para garantir direitos e promover a dignidade dessa população.

Qualquer coisinha eles intervêm. Às vezes a gente até brincando aqui com uns colegas nossos, mesmo. Eles chegam, acham ruim porque não gostaram da brincadeira, se intrometem, falam grosso. E às vezes até a suspensão leva. Eu não, porque sou um cara muito de..., mas observo muito (Curió, 45).

A fala de Curió reforça a presença de mecanismos de controle social rígidos no ambiente analisado, nos quais até mesmo interações informais são alvo de intervenção por parte dos guardas municipais. O relato sugere uma vigilância constante e o uso de sanções disciplinares, o que pode ser interpretado, à luz de Foucault (2014), como uma forma de biopoder. Além disso, a estratégia de observação adotada pelo entrevistado revela formas de adaptação e resistência frente ao controle.

4.1 Sobrevivendo no sistema de rua

A análise das entrevistas realizadas com quatro moradores em situação de rua, identificados por pseudônimos para preservar sua identidade, revela que fatores relacionados a conflitos familiares e ao uso de substâncias psicoativas foram determinantes para a entrada dessas pessoas na condição de rua. Assim como afirma Espíndola (2012) compreender a população de rua requer:

[...] o dimensionamento tanto das multicausalidades que estão na origem desse fenômeno, entre as quais devem ser incluídos processos sociais e históricos, tecnologias de governo específicas e certas práticas dos sujeitos, quanto o reconhecimento de que a rua é, também, um espaço de produção de relações sociais e simbólicas habitado por sujeitos com agência política que exploram o mundo na instabilidade de seu movimento (Espíndola, 2012, p. 13)

Para alcançar este objetivo irei traçar um perfil de cada caso ao trazer trechos da entrevista para compreender as representações sociais que eles têm de si e do atendimento recebido pelo Centro Pop.

Durante a pesquisa, observei que moradores de rua frequentemente adotam diversas estratégias para assegurar sua sobrevivência diária. O Centro Pop, enquanto política pública de acesso livre garante alimentação e suporte imediato, contudo, nos finais de semana, quando o serviço está suspenso, esses indivíduos recorrem a outras formas de subsistência. Uma prática recorrente, comumente observada no contexto da população em situação de rua, é o “manguear”⁶, ato de solicitar ajuda ou alimentos nas ruas. Pardal menciona este ato ao explicar como se alimentava no sistema de rua antes de saber da existência do Centro Pop:

Eu passei quatro meses morando na rua. Aí, como a negada chama, o negócio de manguear, né!? Pedir um real aqui e outro ali, mas não pra comprar droga, era pra mim comer. [...] Aí, me acolheram aqui, pediram meus documentos, fizeram meu cadastro, pronto. Já vai fazer dois anos que eu tô aqui (*Pardal*, 36).

Embora Pardal relata essa prática como parte de sua experiência pessoal anterior a seu cadastro no Centro Pop, esta análise sugere que o “manguear” permanece como uma estratégia frequente adotada por essa população nos períodos em que o local não está em funcionamento, configurando uma importante tática de sobrevivência no contexto atual.

Pardal admite que praticava o “manguear” não com o intuito de obter recursos para o consumo de drogas, mas para garantir sua alimentação. Relata-se que a situação de rua de Pardal esteve associada ao uso do crack, e que, apesar das diversas tentativas de sua família em oferecer apoio, não houve sucesso na superação dessa condição.

No contexto do atendimento pelo Centro Pop, é comum que indivíduos em situação de rua que fazem uso de substâncias psicoativas sejam encaminhados para casas de acolhimento. Contudo, observou-se que muitos desses indivíduos, mesmo após o acolhimento, frequentemente retornam às ruas e retomam as práticas associadas ao uso de drogas, evidenciando a complexidade e os desafios envolvidos no processo de reinserção social e tratamento da dependência química nessa população.

Durante as entrevistas realizadas com frequentadores dos serviços prestados pelo Centro Pop, Pardal (2025) expressou sua percepção sobre a assistência

⁶ Categoria nativa para designar à prática de pedir recursos ou ajuda de forma astuta e persuasiva, muitas vezes utilizando histórias ou estratégias para sensibilizar as pessoas.

recebida, destacando a importância do suporte oferecido para sua sobrevivência e enfrentamento das dificuldades vivenciadas na rua:

Pra quem, como eu, quando andei na rua, andei rasgando o lixo de lanchonete pra comer o resto do pastel, o resto das coisas e tudo, eu avalio aqui 100%, porque ruim é o nada. Mas o que eles oferecem aqui pra nós já tem uma coisa, pronto. Aí, agora, quando eu não tenho nada pra mim, aí sim, aí eu acho ruim, mas aqui não. 100% pra mim (*Pardal*, 36).

A fala de Pardal, revela uma percepção positiva em relação aos serviços oferecidos pelo Centro Pop, especialmente quando comparada à sua experiência anterior nas ruas. Ele destaca que, apesar das dificuldades enfrentadas, a assistência recebida no Centro Pop representa uma melhoria significativa em sua condição, pois, para ele, "ruim é o nada". Essa afirmação evidencia que o atendimento prestado, mesmo que básico, é valorizado como um recurso importante para a sobrevivência e o enfrentamento das adversidades vivenciadas na situação de rua. Além disso, Pardal reconhece que a oferta de alimentação e outros apoios no Centro Pop atende a uma necessidade fundamental, reduzindo o sofrimento associado a fome e à insegurança alimentar. Essa percepção reforça a importância dos serviços de acolhimento e assistência social como instrumentos de mitigação da vulnerabilidade e promoção da dignidade para essa população. Embora o serviço não elimine todos os problemas enfrentados, ele representa um suporte essencial em momentos de maior carência, contribuindo para a construção de uma rede de proteção social.

Um outro ponto interessante diz respeito aos fatores que levam esses indivíduos à situação de rua. Há uma complexa relação entre violência doméstica, uso de drogas, desestruturação familiar e a condição de rua. Para uma melhor compreensão dos múltiplos caminhos que conduzem a essa situação Juriti compartilhou sua experiência pessoal, relatando a violência intrafamiliar como fator determinante da sua inserção na vida nas ruas:

Problema familiar [...]. Discussão assim com meu pai de criação, né? Assim, que agride minha mãe de criação, também fui tentar defender ela, e ele acabou me esfaqueando duas vezes nas costas. Aí, tipo, uma coisa que me doeu muito assim foi que, depois de tudo isso, a minha mãe quis ele dentro de casa (*Juriti*, 23).

O episódio de violência doméstica vivido por Juriti, que culminou em sua expulsão do lar e consequente ingresso na situação de rua, demonstra um processo frequentemente identificado de exclusão social e vulnerabilidade. A exposição à

violência intrafamiliar, especialmente em contextos onde o indivíduo tenta intervir para proteger um membro da família, pode gerar rupturas dos vínculos familiares e sociais, levando ao afastamento forçado ou voluntário do ambiente domiciliar.

No caso de Juriti, a tentativa de defesa da mãe e a agressão sofrida por ele, seguida da rejeição materna, configuram um agravante que intensifica sua vulnerabilidade. O rompimento do vínculo familiar pode significar a perda do principal suporte emocional e material, empurrando-o para a rua como alternativa de sobrevivência. A vida em situação de rua, apesar de expor o indivíduo a novas formas de violência e exclusão, pode ser percebida por alguns como uma saída para escapar do ciclo de agressões no ambiente familiar.

Já as circunstâncias que levaram outro interlocutor a situação de rua estão associadas ao término de um relacionamento matrimonial e falta de apoio familiar:

Assim, eu me separei da minha ex-mulher. Tenho parentes aqui, mas não são muitos e não somos muito apegados uns aos outros, porque fui criado pela parte da minha mãe. Aqui, tem os irmãos por parte do meu pai, que faleceu, e a gente nunca teve um bom relacionamento. Aí, eu me separei da minha esposa, né, e, sem lugar para ir, acabei na situação de rua (Curió, 45).

A fala do curiô evidencia a vulnerabilidade social e a fragilidade das relações familiares, fatos que contribuem para o ingresso na situação de rua. Ele relata que, apesar de ter parentes, não mantém vínculos afetivos fortes, o que revela um isolamento social importante. A ausência de um suporte familiar sólido, agravada pela perda do pai e o distanciamento dos irmãos, demonstra como fatores pessoais e emocionais influenciam diretamente sua condição atual.

Além disso, o término do casamento aparece como um ponto de ruptura decisivo, que, somado à falta de alternativas habitacionais, o levou à situação de rua. O relato de Curió expressa a complexidade do fenômeno, que não se resume apenas à falta de moradia, mas envolve uma rede de fatores sociais, emocionais e institucionais.

Um outro ponto recorrente nas falas dos entrevistados diz respeito à avaliação da alimentação disponibilizada no Centro Pop. Nesse sentido, Juriti ponderou sobre a qualidade da comida, destacando limitações quanto à quantidade de alimentos nos kits fornecidos, especialmente em períodos de feriado:

A comida é boa, né. O problema, que acho que todo mundo reclama aqui, é sobre os kits. Os kits que eles dão, porque, tipo assim, quando é feriado, né,

aí passam dois, quatro dias sem estar aberto aqui, às vezes é feriado, alguma coisa assim. Aí, tipo, o que eles dão assim não é suficiente para manter a pessoa por quatro, cinco dias, né? [...] Não tô dizendo que é ruim, não, é muito pouco, é insuficiente. Se fosse um pouquinho maior o kit assim. Dava para melhorar (*Juriti*, 23).

A percepção de Juriti sobre a alimentação oferecida pelo Centro Pop revela uma dualidade relevante: embora reconheça a qualidade da comida fornecida, há uma insatisfação generalizada quanto à quantidade e à adequação dos kits distribuídos durante os períodos de fechamento do serviço, como nos feriados. Essa crítica evidencia uma lacuna na garantia da segurança alimentar e nutricional da população em situação de rua, que, ao depender desses suprimentos por vários dias consecutivos, enfrenta um déficit calórico e nutricional. O entrevistado aponta para a importância de refeições básicas e contínuas para a manutenção da saúde e da dignidade, elementos cruciais para a superação da vulnerabilidade. A insuficiência dos kits, portanto, não apenas afeta a nutrição básica, mas também compromete a capacidade dos indivíduos de enfrentar os desafios diários da vida na rua.

Outro aspecto relevante a ser considerado são os conflitos enfrentados na convivência diária com outros moradores em situação de rua. A tensão e a desconfiança frequentemente permeiam as relações interpessoais nesse contexto:

A coisa assim, que eu enfrento é ter que levar desaforo pra casa, só isso. Tipo assim, vou ser bem sincero com você: tem pessoas aqui que vêm aqui, eu venho aqui, mas é com receio. Tem gente aqui que não vai com a minha cara de jeito nenhum, não sei se é inveja, porque eu não sou de falar com todo mundo, tá entendendo? Eu acho que é por isso. Eu sou bem na minha, demais mesmo, não é com todo mundo que eu falo. E tem gente que interpreta mal e acha que eu tô querendo ser melhor que os outros (*Juriti*, 23).

Um ponto fundamental identificado é que o Centro Pop é frequentado por diferentes perfis de pessoas que têm em comum a condição de vulnerabilidade social. Nem todos, contudo, são efetivamente moradores de rua. Em razão disso, observa-se uma disputa em torno da própria categoria e sobre quem nela se enquadra. Esse ambiente heterogêneo dá origem a disputas simbólicas por pertencimento e reconhecimento, refletindo dinâmicas de exclusão e estigmatização entre os próprios usuários. Conforme analisa Norbert Elias (2000) em sua reflexão sobre pequenas comunidades, grupos estabelecidos tendem a construir uma identidade coletiva que os diferencia frequentemente e os posiciona como superiores em relação aos recém-chegados ou *outsiders*.

Essa lógica se manifesta na forma como alguns frequentadores interpretam a postura reservada de Juriti como arrogância ou tentativa de se colocar acima dos demais, gerando conflitos e sentimentos de rejeição. Assim, o espaço do Centro Pop não é apenas um local de atendimento imediato à população de rua, mas também um microcosmo social onde se reproduzem disputas por *status*, pertencimento e reconhecimento, refletindo as complexas relações sociais que permeiam a população em situação de rua.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos, com esta pesquisa, que o Centro Pop, por si só, não é capaz de amparar e atender a todas as demandas da população em situação de rua, até porque essa não é a função atribuída a esse serviço. O Centro Pop configura-se como uma política pública voltada à assistência imediata. No entanto, é perceptível a omissão do poder público municipal em buscar alternativas mais estruturantes para lidar com o fenômeno de forma eficaz.

Embora o Centro Pop não tenha como objetivo retirar as pessoas da situação de rua, exerce um papel fundamental ao garantir o acesso à alimentação, à higiene pessoal e à saúde. Esse atendimento é essencial, sobretudo considerando que essas pessoas, em razão da condição social de “moradores de rua”, são frequentemente invisibilizadas, estigmatizadas, associadas a práticas criminosas e percebidas como indesejáveis — e não como sujeitos de direitos, como qualquer outro cidadão.

Ao abordar a percepção dos entrevistados sobre a vida nas ruas, o objetivo foi buscar por elementos que reforcem o argumento de que pessoas em situação de rua estão mais expostas a todo tipo de violência. Encontramos fatores relacionados a conflitos familiares e ao uso de substâncias psicoativas como determinantes para a entrada dessas pessoas na condição de rua.

A pesquisa constatou que, embora o Centro Pop desempenhe um papel relevante na assistência à população em situação de rua, sua atuação ainda é insuficiente para garantir plenamente a dignidade e os direitos desse grupo. A ausência de uma equipe multidisciplinar completa e a falta de uma estrutura física adequada constituem obstáculos significativos à melhoria do atendimento oferecido. A análise das falas e experiências dos sujeitos entrevistados reforça a urgência de políticas públicas que reconheçam essas pessoas como sujeitos de direitos. Além disso, a pesquisa evidencia a necessidade de um olhar mais humano e menos estigmatizado sobre essa população, que ainda hoje permanece invisibilizada nas estatísticas oficiais.

Aspectos significativos sobre o atendimento prestado à população em situação de rua mostram que atualmente o Centro Pop de Parnaíba enfrenta dificuldades. Os usuários também não têm acesso a kits de higiene pessoal, os kits para alimentação

para os dias em que os serviços estão suspensos são ineficientes, frequentemente os banheiros estão interditados e impróprios para o uso. Além disso, a infraestrutura do Centro Pop apresenta limitações, por se tratar de um edifício tombado, não é possível realizar modificações estruturais. Essa restrição compromete a oferta de um acolhimento mais completo de acordo com o Decreto nº 7.053/2009.

O quadro de funcionários é reduzido, o que limita o atendimento integral previsto pela Política Nacional para a População em Situação de Rua (2009). Muitas vezes, os profissionais se veem sobrecarregados, atuando em múltiplas funções e recorrendo ao improviso para atender às demandas emergenciais dos usuários. A equipe é composta por uma assistente social que atua como coordenadora, um psicólogo, uma zeladora e três cozinheiras. Apesar dos esforços desses profissionais, a falta de recursos e infraestrutura adequada limita a eficácia dos serviços prestados. A deterioração das condições de trabalho dos funcionários resulta em um serviço que, muitas vezes, acaba sendo precário.

Evidencia-se uma omissão do poder público municipal em Parnaíba, o que resulta em uma discrepância entre o que se espera da política pública e a forma como ela de fato funciona no município. A construção de políticas públicas efetivas exige o reconhecimento da população em situação de rua como sujeitos de direitos, o que demanda ações intersetoriais capazes de promover a inclusão social e a cidadania plena.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard S. *Outsiders*: estudos de sociologia do desvio. Tradução Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERNARDINO, Giovanna. *A “população em situação de rua” e suas heterotopias: saberes e poderes em disputa*. São Paulo: Universidade Federal do ABC, 2023.

BRASIL. Decreto n. 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 24 dez. 2009. Seção 1, p. 16-17.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil*: o longo caminho. 3^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã Pedro Süsskind; apresentação e revisão técnica Federico Neiburg. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ESPÍNDOLA, Aline *et al.* *A rua em movimento*: debates acerca da população adulta de rua na cidade de Porto Alegre. Belo Horizonte: Didática Editora do Brasil, 2012.

FILGUEIRAS, Cristina. *Morar na rua*: realidade urbana e problema público no Brasil. Belo Horizonte: Universidade Católica de Minas Gerais, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2021.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

MATTA, Roberto da. *A casa & a rua*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NÚMERO de moradores de ruas no Piauí cresce 370% em quase uma década. *Conecta Piauí*, Piauí, 2 jul. 2024. Em pauta, p. 1. Disponível em: <https://conectapiaui.com.br/blog/em-pauta/numero-de-moradores-de-ruas-no-piaui-cresce-370-em-quase-uma-decada-7384.html>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SECRETARIA DO ESTADO DO PIAUÍ (PI). Fundac (ed.). BENS TOMBADOS E REGISTRADOS DO PIAUÍ: Sobrado de Dona Auta. *In: Lista dos Bens Tombados do Piauí*. Piauí: Fundac, 2018. Disponível em: <https://crcfundacpiaui.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/09/bens-tombados2.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. *Maná*, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005. [Trabalho original publicado em 1903]